

XI

A refeição

LOGO após, entrou Leonardo em casa, onde esperou o pai para o almoço.

Nem sequer olhou para a sua mamãe que ia afobada, de um lado para outro, atenta aos preparativos da refeição. Temendo o serviço, fechou-se no quarto, até que a voz materna se fizesse ouvir à porta, chamando-o carinhosamente.

O pai já havia chegado, preparando-se para o almoço. Viera suado, mas prazenteiro, carregando dois cestos pesados de morangos, cenouras, bananas e abacaxis.

Leonardo, porém, mantinha-se distante de qualquer expressão de reconhecimento e nem se dignou de reparar as frutas.

Posta a mesa em toalha muito lim-

pa, debalde sua mamãe lhe recomendava compostura e silêncio.

O menino choramingava, entre lamentações e palavras feias.

— Onde está o meu bife? — reclamava gritando, em vista da ausência da carne.

— Sirva-se dos ovos, meu filho! — dizia sua mamãe carinhosa e boa.

— Não quero! não quero!... — exclamava o filho ingrato.

— As cenouras e batatas estão excelentes — acentuava a senhora com desvelo.

O pequeno malcriado, no entanto, longe de corresponder à bondade dos pais, abandonou a mesa precipitadamente, dirigindo-se para a cozinha, onde bebeu quase um litro de leite às escondidas.

— /// —